

Vamos falar sobre sexualidade? O diálogo em ambiente escolar como ferramenta para a proteção física e emocional de crianças e adolescentes

Natália Stinghen Tonet¹
Iago Weber Pitz²

Resumo: Neste documento, apresenta-se a experiência do grupo PIBID Biologia UFSC no desenvolvimento da atividade “Vamos Falar Sobre Sexualidade?”, realizada com as turmas de 8º ano, na disciplina de Ciências, em uma escola rural do município de Florianópolis/SC. Aqui, expõe-se a motivação e a forma de organização e didática escolhida para criação de um ambiente de empatia e acolhimento, onde os alunos pudessem expor seus medos e dúvidas, a fim de que se informassem e saíssem certos de seus direitos, deveres e liberdades individuais, para promoção de respeito para consigo e com os demais, no âmbito da saúde e do bem-estar físico e emocional. Os resultados positivos obtidos na atividade reforçaram a necessidade de diálogos abertos, e o papel social da escola como promotora destes. Para além do âmbito fisiológico, a educação sexual deve ser tratada pela escola através da esfera das relações sociais e culturais da sociedade.

Palavras-chave: PIBID, sexualidade, saúde, escola.

1 Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina-SC, tonetnatalia@gmail.com;

2 Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina-SC, weberpitz@gmail.com;

Introdução

O presente trabalho apresenta os resultados obtidos pelo grupo PIBID Biologia UFSC, que atuou no Ensino Fundamental, com as turmas de 8º ano, na disciplina de Ciências, em uma escola rural do município de Florianópolis, Santa Catarina, durante o primeiro semestre letivo de 2019. A escolha do tema surgiu de uma necessidade dos alunos em expor suas dúvidas, e transformou-se em um projeto de construção de diálogo conjunto e promoção de valores, como respeito e cuidado, para si e para com os demais.

A educação sexual é prevista como tema a ser abordado em escolas desde 1928, regida por valores morais e religiosos (BORGES, 2008) e, após discussões sociais, somado ao surto de infecções por HIV na população jovem na década de 80, uma atenção maior foi dada ao tema, focando em métodos de prevenção à Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's) e métodos contraceptivos. No Brasil, em 1996, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) instauraram a educação sexual como tema interdisciplinar (BARREIRO, 2006) para que se considere, além dos fatores biológicos, os fatores sociais, culturais e de prazer (BRASIL, 1998). Porém, a temática é tratada quase restritamente com termos reprodutivos e funcionais, existindo um enorme tabu nos demais aspectos psicossociais da prática, principalmente em ambientes familiares e escolares. A falta de diálogo corrobora para a continuação de comportamentos de riscos, tais como a antecipação da iniciação sexual e a não utilização de preservativos. Segundo o IBGE, em 2015, 33,8% dos adolescentes de 9º ano do Ensino Fundamental sexualmente ativos afirmaram não terem utilizado camisinha na última relação sexual.

Em um momento no qual o número de casos de AIDS em jovens triplicou dos anos de 2006 para 2015 (BRASIL, 2016), não há mais espaço para opiniões conservadoras e religiosas que evitem o diálogo e restrinjam a liberdade individual. É direito da criança e do adolescente ter acesso à informação de qualidade em ambientes seguros e empáticos, a fim de que tenham conhecimento e liberdade de escolha em suas práticas sexuais, visando promover proteção física e mental.

É dever da escola, como espaço político e social, promover atividades sobre saúde sexual e se fazer palco para debates abertos e livres de preconceitos, onde o acolhimento e diálogo devem gerar segurança e troca de informações e experiências, assegurando-se que seus alunos se sintam confortáveis para sanar suas dúvidas e buscar aconselhamento neste ambiente seguro.

Metodologia

A atividade “Vamos Falar Sobre Sexualidade?”, visando os aspectos citados, foi desenvolvida durante 4 semanas e constituiu-se de 4 etapas, explicadas separadamente a seguir.

Inicialmente, realizou-se uma discussão e planejamento da atividade entre todo o grupo de bolsistas PIBID Bio, juntamente com a supervisora e a Coordenação. Em conjunto, delimitaram-se os objetivos da atividade, bem como os temas de maior relevância e também estratégias para a abordagem destes. Neste momento, refletiu-se sobre as demandas da comunidade e decidiu-se abrir um espaço para que os próprios alunos trouxessem suas dúvidas. Uma caixa foi montada e vedada pelos bolsistas, mantendo-se apenas um pequeno espaço aberto, por onde os alunos poderiam colocar bilhetes anônimos, com perguntas ou desabaços que julgassem importantes para nossa discussão, sem possibilidade de retirar ou alterar os bilhetes já inseridos na caixa. A caixa foi deixada por uma semana na sala do 8º ano, para que as turmas matutina e vespertina tivessem acesso.

A segunda etapa da atividade iniciou-se com o recolhimento da caixa pelos bolsistas e encaminhamento para uma reunião com a supervisão e Coordenação. Foram lidos todos os bilhetes e um roteiro para discussão em sala de aula foi organizado. O roteiro continha perguntas feitas pelos alunos e também perguntas inseridas pelos bolsistas, a fim de que todos os temas desejados fossem abordados. Os principais temas foram: o que são, quais são e como prevenir as IST's, gravidez, saúde sexual, gênero e feminismo.

A realização da atividade em sala com os alunos se deu na terceira etapa. O PIBID Bio, dividido em dois grupos, para atender período matutino e vespertino, teve o período de 2 aulas (90 minutos) em cada turma para desenvolver a proposta. Os alunos e demais pessoas na sala foram dispostos em um círculo, sentados no chão, para que todos, incluindo alunos, bolsistas e professora, pudessem estar no campo de visão o tempo todo e criar um ambiente de igualdade e acolhimento. A caixa, aberta ao meio e contendo as perguntas do roteiro foi passada no círculo e aleatoriamente cada aluno retirou e leu uma das questões em voz alta para a turma. A partir disso, todos puderam discutir para chegar à uma resposta, sempre havendo mediação dos bolsistas e da professora, preparados para responder e lidar com diferentes tipos de indagações.

A última etapa consistiu em um debate em sala sobre os resultados da atividade e exposição de opiniões dos alunos, assim como a montagem

de um portfólio contendo roteiros, fotos e feedbacks, para possível futura demonstração na comunidade escolar.

Resultados e Discussão

Inicialmente, os alunos estavam muito tímidos. As primeiras questões retiradas da caixa foram respondidas e discutidas majoritariamente pelos bolsistas e pela professora. Porém, não demorou para que os alunos comesçassem a interagir e, em pouco tempo, todos entraram na discussão, trazendo também outras dúvidas que não estavam programadas. Através desse comportamento, pudemos perceber o quanto se sentiram confortáveis para falar abertamente sobre esses assuntos, envolvidos em muitos tabus, não apenas diante dos bolsistas e professora, como também dos demais colegas.

Alguns estudantes, majoritariamente meninas, mostraram que possuíam diversas informações sobre assuntos menos estigmatizados, como gravidez, métodos contraceptivos de barreira e HIV. Quando indagados sobre a fonte das informações, a grande maioria respondeu que seria a internet, outra parcela menor afirmou que aprendeu através dos pais e amigos, nenhuma citou profissionais da saúde e/ou educação como fonte. Apesar disso, esses estudantes representaram a absoluta minoria da turma, reafirmando a ideia da falta de diálogo e acesso ao conteúdo adequado. Após tais afirmações, uma preocupação recaiu sobre esse assunto: as famílias conseguiriam abranger tais aspectos de forma saudável, respeitosa e realmente informativa para seus filhos?

Foi observado que, ao serem sondados sobre quem mantinha conversas abertas com os pais a respeito de sexualidade, poucos responderam que o faziam e, quando a resposta era afirmativa, eram vindas praticamente apenas dos meninos da sala. As meninas relataram não encontrar abertura para a conversa, demonstrando timidez e medo. O fato levou à discussão dos motivos pelos quais, na comunidade e assim como em grande parte da sociedade, há diferenças na forma da criação de meninos e meninas, guiada por indagações dos próprios alunos, que citaram o sexismo como principal causa. Esse diálogo permitiu que o grupo de bolsistas informasse aos alunos onde encontrar informações seguras e como a escola e espaços de saúde poderiam auxiliá-los nesse aspecto.

O assunto mais abordado durante a atividade foi HIV e AIDS, prendendo especial atenção da turma sobre a influência do vírus e da doença no corpo humano e principalmente no corpo de mulheres grávidas. Extremamente importante, principalmente se considerarmos que os casos de HIV estão

principalmente relacionados com homens, aproximadamente 72% (BOGAZ, 2019). Dados consideráveis para perceber a defasagem do assunto e falta de cuidado na parcela masculina da população.

A turma apresentou indícios de preconceitos no momento que um dos estudantes trouxe a informação de que haveria um caso de infecção em sua família. O grupo do PIBID controlou a turma, mostrando o quão desnecessário era o julgamento do colega e de sua família, focando na empatia e frisando que já há tratamento para a doença, mas, infelizmente, no tempo disponível para atividade, não se teve a oportunidade de trabalhar o tema da forma como os bolsistas gostariam.

Apesar disso, foi perceptível como o debate pode abrir oportunidades para a elaboração de medidas contra preconceitos dos mais diversos tipos. Nessa situação, foi relacionado aos portadores do HIV, mas pode-se pensar em explorar tais assuntos: o que são e quais são grupos de risco, suas relações com a transfobia e homofobia e também esses preconceitos em si.

Outro ponto que apresentou especial atenção dos estudantes foi relacionado às mudanças do corpo e inseguranças da idade, em ambos os sexos. Este tema foi trabalhado com base na fisiologia humana. O amadurecimento sexual do corpo foi apresentado como o motivo de tantas mudanças e estimulou-se o pensamento sobre como vivê-las e aceitá-las com normalidade e paciência, frisando que todos passam por elas, mesmo que em diferentes momentos da vida. Em alguns momentos, a discussão extrapolou a formação e experiência dos bolsistas de guiá-las e foi necessária a intervenção da supervisão, que prontamente tomou a frente e lidou da melhor forma possível.

O feedback dos alunos foi muito positivo. Durante todo o período em que estudantes estiveram com os bolsistas, eles sempre ressaltaram e reafirmaram o quanto tinham gostado de falar sobre o assunto e como gostariam de repetir, se possível, em outra ocasião. Os alunos inclusive trouxeram para o grupo PIBID as conversas que estimularam em suas casas, levando informações passadas na atividade, e ressaltaram a importância da discussão para abrir espaços de diálogo e aproximação entre eles e suas famílias.

Conclusão

Os resultados positivos, obtidos através do desenvolvimento da atividade, reforçam a necessidade de diálogos abertos, e o papel social da escola como promotora destes. Apesar de ainda serem vistos como um tabu por muitas famílias, os assuntos acerca da sexualidade certamente chegarão de

diferentes maneiras entre os jovens, grande parte das vezes de forma inadequada, através de conteúdos midiáticos ou conversas informais. Esta falta de conhecimentos e bombardeamento de informações deturpadas geram diferentes associações, reações e atos sociais e físicos imprudentes que podem perdurar por muito tempo na vida do indivíduo. Os estudantes possuem curiosidade sobre os mais diversos aspectos que envolvem a sexualidade, sendo de direito destes a educação e recebimento de informações adequadas, em um espaço protegido e preparado para tal.

Considerando a escola como o ambiente primário de interação social após o convívio familiar e local de formação emocional e educacional da criança e do adolescente, é papel dela, muito mais que transferir conhecimentos programáticos de disciplinas isoladas, promover espaço para pensamento e discussão dos mais variados temas de relevância para a vida em sociedade, entre eles respeito, empatia, responsabilidade e saúde, em esfera individual e coletiva.

A educação sexual nas escolas desde os anos iniciais, tratada de acordo com a idade de cada turma, é de essencial importância para a proteção física e emocional das crianças e adolescentes que ali estão. Uma criança que sabe o que é normal ou não em uma relação com outras pessoas consegue discernir o certo do errado e poderá entender, reagir e denunciar quando algo lhe for violento ou abusivo. Assim como, adolescentes bem informados conseguirão se prevenir não apenas de uma gravidez indesejada, mas principalmente de ITSs, contribuindo assim, idealmente, para a diminuição da transmissão dessas, tirando nosso país da triste estatística observada nos últimos anos, do aumento significativo de jovens com HIV, principalmente homens na faixa entre 15 e 24 anos (BOGAZ, 2019). Por último, a provável mais importante consequência da educação sexual entre os jovens, a propagação da discussão de gênero e sexualidade, a diminuição do preconceito e violência contra as minorias da nossa sociedade e a difusão do respeito por com todos. Logo, percebe-se que a educação sexual não envolve apenas os parâmetros fisiológicos, mas se expande quanto as relações sociais e culturais de todos os indivíduos, caindo sobre os educadores delimitar e direcionar da melhor forma esses aspectos e suas conjunturas.

Agradecimentos e Apoios

O financiamento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é fornecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - (88887.292387/2018-00).

Agradecimentos ao PIBID, à CAPES e à Universidade Federal de Santa Catarina. Além destas instituições, agradecimentos à professora da rede municipal de Florianópolis, Karem Hansen, assim como ao professor Dr. Leandro Duso, respectivamente supervisora e coordenador do grupo, aos demais colegas do grupo PIBID Biologia UFSC e aos alunos que participaram e colaboraram nas atividades aqui relatadas.

Referências

BARREIRO, L.; TEIXEIRA-FILHO, F. S.; VIEIRA, P. M. Corpo afecto e sexualidade: uma experiência da abordagem das sexualidades a partir das artes. **Revista de Psicologia da UNESP**, Assis: UNESP, v. 5, n. 1, p. 13-27, 2006.

BOGAZ, C. **Ministério da Saúde lança campanha para conter avanço de HIV em homens**. Ministério da Saúde, 2019. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br /noticias/ministerio-da-saude-lanca-campanha-para-conter-avanco-de-hiv-em-homens>>. Acesso em: 17 de fev. de 2020.

BORGES, Z. N.; MEYER, D. E. **Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia**. Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação, Rio de Janeiro: CESGRANRIO, v. 16, n. 58, p. 59-76, jan./mar. 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Boletim Epidemiológico Aids e DST**. Brasília: Ministério da Saúde, 2016.

IBGE. Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.